

História ou romance?

A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940



Virginia Woolf (detalhe). 1994.

Márcia de Almeida Gonçalves

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora dos Departamentos de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bolsista do Programa Jovem Cientista do Estado (FAPERJ). Autora, entre outros livros, de *Em terreno mo-vedizo: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009. agmarcia@uol.com.br

História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940

Márcia de Almeida Gonçalves

RESUMO

No alvorecer do século XX, o debate sobre biografias ocupou autores e intelectuais europeus interessados em reconsiderar os diversos campos da produção letrada. Objetivamos nesse artigo situar esse debate entre autores ingleses, por meio da apresentação de algumas de suas indagações sobre a dimensão artística, na sua proximidade com a forma do romance, de biografias qualificadas como modernas. Se Lytton Strachey e sua “Rainha Vitória” (1921) vieram a se tornar referências, isso assim ocorreu no contexto de questionamentos realizados por Harold Nicolson e por Virgínia Woolf, nas décadas de 1920 e 1930. Ao caracterizarmos as indagações de Nicolson e Woolf, pretendemos analisar o valor seminal das mesmas em apropriações que afetaram autores franceses - destaque para Andre Maurois e seu *Aspectos da biografia* (1928) - e também letrados e críticos brasileiros - como Edgard Cavalheiro e seu texto *Biografias e biógrafos* (1943).

PALAVRAS-CHAVE: biografia; romance; modernismo

ABSTRACT

In the beginning of the 20th century, the debate about biographies occupied European intellectuals and authors interested in discussing the various fields of literary production. This article aims to situate this debate between English authors, by presenting some questions about the artistic dimension of modern biographies and their strict relations to the novel. If Lytton Strachey and his “Queen Victoria” (1921) have become a reference, it just occurred in the context of inquiries made by Harold Nicolson and by Virginia Woolf, in the 1920s and 1930s. Those inquiries were appropriated by French authors, as Andre Maurois and his “Aspects of biography” (1928), and also by Brazilian critics, as Edgard Cavalheiro and his text “Biographies e biographers” (1943).

KEYWORDS: Biography; Novel; Modernism



No alvorecer do século XXI, a biografia desfruta de favores e valores entre os gêneros discursivos mais presentes em diversos suportes: dos textos impressos, em tamanhos e formas variadas, às apropriações midiáticas pelo cinema, televisão e pela internet. Nos espaços acadêmicos e em campos de saber das ditas ciências sociais, ênfase para a história, a antropologia e a teoria literária, a reflexão acerca da presença e do uso de narrativas sobre ações e emoções de sujeitos individuais expandiu-se consideravelmente,

na esteira do que veio a ser designado de virada lingüística e guinada subjetiva¹.

Se ainda há o que discutir e analisar sobre os usos sociais alargados e características intrínsecas de histórias de vida de sujeitos individuais, e certamente há, as mesmas adquiriram um lugar reconhecido entre os artefatos culturais viabilizadores tanto do prazer estético quanto do poder de conhecer, sensibilizando e orientando leitores os mais diversos, na contemporaneidade acelerada de nosso tempo presente.

No intuito de contribuir para as reflexões acerca da biografia, interessa-nos inventariar um pouco da sua história, no diálogo com aqueles que assim o fizeram em momentos outros, empenhados que estavam em estabelecer para as histórias de vida um status particular entre gêneros familiares, como a historiografia e o romance.

Costuma-se afirmar que uma das marcas da biografia - quanto à metodologia de produção e à forma final da narrativa - aponta para o hibridismo, manifesto na mescla de preocupações de referencialidade documental com uma poética específica para sua escritura. Tal concepção, entretanto, possui historicidade, e é esse ponto que pretendemos situar no presente artigo.

Dialogamos, em parte, com as considerações de Daniel Madelénat, no seu livro referencial sobre a biografia². Na busca de compreender a história da biografia como gênero particular entre as produções letradas no Ocidente europeu, Madelénat propôs chaves analíticas em que se destaca a categorização de três paradigmas, a saber: a biografia clássica, a biografia romântica e a biografia moderna³. Nossa análise se direciona para essa última, e busca apresentar algumas das polêmicas que condicionaram seu surgimento e proliferação nas décadas iniciais do século XX.

Segundo Madelénat, a biografia moderna nasceu da crise que afetou valores do humanismo greco-latino, da religião cristã e do racionalismo, em especial nas sociedades européias. Nesse quadro, destacar-se-iam a emergência e difusão: das filosofias do inconsciente, de Schopenhauer e de Nietzsche; das considerações da teoria psicanalítica freudiana; das revisões variadas do cientificismo positivista – nas remissões ao lugar do intuitivo como meio de conhecer –; e também das formulações estéticas dos pós-naturalistas, entre as produções artísticas do impressionismo, do expressionismo e do cubismo, inseridas no conjunto universo amplo dos “modernismos”. Rompiam-se assim certas normas e premissas do ideal de objetividade no ato de investigar e representar as ações humanas no mundo, em nome da maior complexidade psicológica do sujeito individual⁴.

A escrita de biografias não foi poupada por essa crise de valores. Afinal, ao tratar de histórias de vida de sujeitos individuais, a biografia conjugava, nos seus procedimentos e na sua funcionalidade, àquela altura, uma série de características imbricadas com as premissas do conhecimento objetivo – referencialidade documental, veracidade, neutralidade do biógrafo, entre outras⁵. Ao apostarem em uma nova biografia, para alguns uma biografia moderna, certos letrados desenvolveram questionamentos e indagações deveras interessantes, como as da positividade de seu hibridismo – “história e romance ao mesmo tempo” –, constituindo referências com as quais, de certa forma, ainda dialogamos.

Em língua inglesa, tais indagações a muitos mobilizaram. Identificamos, então, algumas delas.

¹ Acerca das implicações epistemológicas da virada lingüística, ver RORTY, Richard M. *The linguistic turn: essays on philosophical method*. Chicago: Chicago University Press, 1992. Sobre a guinada subjetiva, ver SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

² Ver MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

³ Ao se valer do conceito de paradigma, Madelénat enfatiza sua dimensão heurística. Assim esclarece que o conceito de paradigma permite uma classificação sob a lógica de uma espécie de tipo ideal, nesse sentido, modelar e referencial, estabelecendo critérios para construir uma inteligibilidade para as variadas formas que os textos biográficos assumiram na temporalidade longa, entre a Grécia dos séculos V e IV antes de Cristo e a contemporaneidade do momento de publicação do seu trabalho, a década de 1980. Nessa perspectiva, a biografia clássica se situaria, entre surgimento e usos predominantes, a despeito da diversidade, entre o mundo grego antigo e o século XVIII; a biografia romântica, entre finais do século XVIII e o curso do século XIX; a biografia moderna, na passagem para o século XX até a atualidade.

Em obra recente, François Dosse (*O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009. A publicação em francês, pela Éditions La Découverte, data de 2005), propõe tipologia diferenciada e referida às seguintes categorizações: a idade heróica, a biografia modal e a idade hermenêutica. Sem aprofundar controvérsias, identificamos na categorização de Madelénat critérios melhor explicitados por relacionar as diversas formas assumidas pelo texto biográfico a parâmetros sócio-culturais específicos, entre os quais as transformações nas maneiras de conceber sujeitos e subjetividades e os processos de laicização, fortes na modernidade européia, nas suas implicações éticas e estéticas.

⁴ Ver MADELÉNAT, Daniel, *op. cit.*, p. 63.

⁵Para a análise desses aspectos no que concerne à produção letrada brasileira oitocentista, no âmbito particular do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, ver OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese (Doutorado em História) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

⁶ ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 41.

Biografias ao estilo inglês

Tomamos de empréstimo, a título de “pré-texto”, reflexões de Hannah Arendt presentes em suas análises sobre a biografia de Rosa Luxemburgo, de autoria de J. P. Netti, em resenha publicada no *New York Review of Books*, em 1966, e constante da coletânea “Homens em tempos sombrios”, versão brasileira, na década de 1980, para os títulos *Men in dark Times*, de 1968, versão em língua inglesa, e *Vies politiques*, de 1974, da coletânea em francês.

Passemos a ela, citando-a:

*A biografia definitiva, ao estilo inglês, conta-se entre os gêneros mais admiráveis da historiografia. Extensa, meticulosamente documentada, densamente anotada e generosamente entremeada de citações, geralmente aparece em dois grandes volumes e conta mais, e mais vividamente, sobre o período histórico em questão do que todos os livros de história mais importantes. Pois, ao contrário de outras biografias, a história não é aí tratada como o inevitável pano de fundo do tempo de vida de uma pessoa famosa; é antes como se a luz incolor do tempo histórico fosse atravessada e refratada pelo prisma de um grande caráter, de modo que no espectro resultante obtém-se uma unidade completa da vida e do mundo.*⁶

O valor de um determinado tipo de escrita biográfica é aqui posto em destaque pela autora alemã nos termos, entre outros argumentos, do poder cognitivo que essa forma de historiografia, grifemos, poderia render. Como meio de refração da luz incolor do tempo histórico, a biografia estabeleceria a necessária conexão entre vida e mundo. Na sua imagem e entendimento, Arendt nos fala de uma biografia definitiva, no estilo inglês. Talvez não soubesse ou não quisesse saber, e isso pouco importa, o quanto de polêmica envolveu a produção desse tipo de aposta biográfica e o quanto a questão de seu poder de gerar conhecimento foi alvo de algumas reflexões deveras interessantes no alvorecer do século XX. Reflexões que circunscreveram para as biografias uma especialidade como produção letrada capaz de dar conta, de maneira especial e única, dos significados e interpretações das ações humanas.

A referencialidade “inglesa” não nos parece furtiva e merece ser tratada com atenção, posto que, ao fim, marcou lugar entre os diversos processos de construção e canonização de nomes de autores e obras, para além dos leitores estritos daquela nacionalidade.

Em um inventário bastante preliminar, algumas iniciativas, merecem ser contextualizadas. Começemos por Leslie Stephen (1832-1904) e Sidney Lee (1859-1926).

Entre outros projetos e publicações, Leslie Stephen envolveu-se com a editoria do *Cornhill Magazine*, na década de 1870; foi autor de *History of English Thought in the Eighteenth Century* (1876 e 1881), e de biografias de Samuel Johnson, Alexander Pope, Jonathan Swift, George Eliot e Thomas Hobbes. Detalhe significativo, vale acrescentar que, do seu segundo casamento, nasceram quatro filhos. A terceira foi Adeline Virginia Stephen (1882-1941), mais conhecida pelo nome de casada como Virginia Woolf. Stephen foi também o primeiro editor, entre 1885 e 1891 do *Dictionary of national biography* (DNB).

O projeto para essa publicação foi proposto em 1882 por George Smith, proprietário do *Cornhill Magazine*, periódico no qual Stephen

respondia pela editoria. Pretendia-se elaborar um dicionário biográfico da história universal. A idéia de restringir a nomes referentes ao Reino Unido e a suas colônias partiu de Leslie Stephen, garantido assim que ele viesse a ser o primeiro responsável pela obra então mencionada. O *Dictionary of national biography* foi inspirado, em certa medida, na publicação setecentista “Biografia britânica”, tendo, contudo, pretensões de levantamento exaustivo, quicá enciclopédico, de nomes que deveriam figurar entre os que construíram, e ou contribuíram para, a nação inglesa e sua grandeza⁷.

Sidney Lee trabalhou como assistente de Leslie Stephen desde o início da publicação do DNB, assumindo a editoria entre 1891 e 1900, perfazendo cerca de 63 volumes publicados. Houve edições complementares entre 1900 e 1917, coordenadas por Lee. Em 1917, o dicionário passou a ser editado pela Oxford University Press. Na década de 1990, foi revisado por meio do projeto que produziu o *New dictionary of national biography*, versão *on line* hoje como *Oxford dictionary of national biography*⁸.

Sidney Lee, de acordo com seu obituário publicado no *The Times*, em 4 de março de 1926⁹, foi apresentado como o estudioso de Shakespeare e como biógrafo. Foi o editor do DNB, como pontuado, e também um dos que escreveu parte significativa dos seus verbetes. Associou seu nome também a uma biografia da Rainha Vitória, datada de 1902.

Em 1911, já como autor reconhecido, proferiu em Cambridge, na então criada Leslie Stephen Lecture, a conferência “Princípios da Biografia”. Posteriormente, em 1917 e 1918, versão similar de suas idéias apareceu no texto publicado pela *English Association*, sob o título “A perspectiva da biografia”. Ambos os textos hoje foram digitalizados e disponibilizados pela Cornell University Library Digital Collections¹⁰.

Interessa-nos recuperar algumas de suas idéias nesses textos, posto que, a notoriedade de Sidney Lee como biógrafo fez dele também, naquelas circunstâncias, o representante de certa maneira de conceber o gênero biográfico, questionada, entre outros, por Harold Nicolson (1886-1968), Lytton Strachey (1880-1932) e Virginia Woolf (1882-1941), jovens interlocutores contemporâneos, adeptos da criação de uma nova biografia, propositores das idéias e práticas que deveriam norteá-la.

Passemos então a Sidney Lee e a seus “Princípios da Biografia”, citando-o:

Biografia existe para satisfazer um instinto natural do homem – o instinto comemorativo – o desejo universal de manter vivas as memórias daqueles que pelo caráter, por seus descobrimentos e por atos de heroísmo se distinguiram da massa do gênero humano. Monumentos em geral competem com a biografia na preservação das memórias dos mortos. Todavia, Jacques Amyot, o grande escritor da Renascença francesa – aquele que pela tradução das obras de Plutarco, inaugurou a influência do mestre grego da biografia sobre o pensamento e a conduta moderna – escreveu essas sábias palavras sobre os valores da biografia e da arte para as comemorações do caráter e das realizações humanas: ‘Nem a pintura, nem as imagens de mármore, nem os arcos do triunfo, nem obeliscos e nem sepulturas suntuosas, podem demarcar a longevidade de uma biografia eloqüente, caracterizada pelas qualidades que ela deve possuir’. ‘Caracterizada pelas qualidades que ela deve possuir’, esse é o problema que devemos enfrentar. A biografia não se impõe tanto aos olhos de todos como as pirâmides e os mausoléus, estátuas e colunas, retratos e memoriais, mas é o

⁷ Ver verbete “Sir Leslie Stephen”, disponível em <<http://www.ndnb.com/people/089/000097795/>>. Acesso em 15 abr. 2011.

⁸ Ver site <http://www.oxforddnb.com>. Acesso em 15 abr. 2011.

⁹ Ver http://en.wikisource.org/wiki/The_Times/1926/Obituary/Sidney_Lee. Acesso em 20 abr. 2011.

¹⁰ Ver LEE, Sidney. *Principles of biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1911. Do mesmo autor, *The perspective of biography*. *The English Association*, Pamphlet n. 41, 1918. Ambos republicados por Cornell University Library Digital Collections, 2010.

¹¹ LEE, Sidney. *Principles of biography, op. cit.*, p. 7-9. Tradução livre. No original: "Biography exists to satisfy a natural instinct in man – the commemorative instinct – the universal desire to keep alive the memories of those who by character and exploits have distinguished themselves from the mass of mankind. Art, pictorial, plastic, monumental art, competes with biography in preserving memories of buried humanity. But Jacques Amyot, the great prose writer of the French Renaissance – Amyot who, by this French translation of the works of Plutarch, first made the Greek master of biography an influence on modern thought and conduct – wrote these wise words on the relative values of biography and art as means of commemorating men's characters and achievements: 'There is neither picture, nor image of marble, nor arch of triumph, nor pillar, nor sumptuous sepulchre, can match the durability of an eloquent biography, furnished with the qualities which it ought to have'. 'Furnished with the qualities which it ought to have' – there is the problem which we are met to face. Biography is not so imposing to the general eye as pyramids and mausoleums, statues and columns, portraits and memorial foundations, but is the *safest* way (...) to protect a memory from oblivion. (...) The aim of biography is, in general terms, to hand down to a future age the history of individual men or women, to transmit enduringly their character and exploits. (...) Biography aims at satisfying the commemorative instinct by exercise of its power to transmit personality."

¹² LEE, Sidney. *Principles of biography, op. cit.*, p. 9.

¹³ Publicada em 1791, a biografia de mais de 1000 páginas do escritor Samuel Johnson, escrita por seu fiel secretário James Boswell, veio a se constituir em uma espécie de modelo. Segundo Daniel Madelénat, Boswell não apenas deu forma à trajetória do biografado, mas também à sua visão de mundo, por meio da análise de suas cartas e conversas registradas. Ver MADELÉNAT, Daniel, *op. cit.*, p. 56.

¹⁴ *Idem.*

*meio mais seguro (...) de proteger uma memória do esquecimento. (...) O propósito da biografia é, em termos gerais, garantir para o futuro a história de indivíduos, homens e mulheres, é fazer perdurar seu caráter e suas ações meritórias. (...) A biografia proporciona a satisfação do instinto de comemoração por meio do esforço de transmitir uma personalidade.*¹¹

Desdobramentos dessa forma de conceber as funções da biografia seriam então detalhados por Sidney Lee no sentido de delimitar condições para a sua produção. A primeira delas, os cuidados na escolha do sujeito a ser biografado, posto que esses deveriam despertar o "interesse da posteridade". A segunda, o estilo de registro, leiamos de escrita, que deveria superar os modismos do calor da hora. Na sua síntese argumentativa, a matéria e a maneira adequadas, o tema e o tratamento adequados, de forma a satisfazer plenamente o "instinto comemorativo"¹².

Se assim postulava, relativizava, entretanto, as formas de satisfazer o instinto comemorativo, ao afirmar que essas não atendiam a uma lei histórica imutável. Para sustentar seu argumento, lançava mão da metáfora cunhada por Ariosto, o poeta italiano, de que as medalhas de cada um seriam atiradas pelo tempo no rio do esquecimento – *Lethe* – e que alguns nadadores recolheriam certas medalhas para depositá-las no templo ou no museu da imortalidade. Para Lee, os nadadores de Ariosto seriam os biógrafos.

Mesmo ao asseverar o papel do biógrafo como aquele que salvaria alguns do esquecimento, Lee buscava estabelecer critérios gerais que deveriam orientar a possibilidade de imortalizar uns e não outros. Nesse ponto, enfatizava: o tema adequado para uma biografia seria uma trajetória séria, completa e de certa magnitude. Isso criaria a distinção entre as "medalhas" de cada um e deveria direcionar o trabalho do biógrafo.

No tratamento dessas vidas magnânimas, segundo Sidney Lee, o biógrafo deveria afirmar a autonomia do método biográfico. Para de fato praticá-lo, Lee criticava os perigos das abordagens moralistas, cujos resultados comprometeriam a verdade acerca das ações do biografado, e também, as sobreposições entre biografia e historiografia, asseverando a especificidade da primeira em abordar mais as vidas individuais do que os tempos, de posse de uma necessária lente de aumento ao retratar personalidades. Citava o mestre Leslie Stephen na sua condenação das biografias que pecassem pelo excesso de idolatria.

Entre outros aspectos do método biográfico, Lee destacava a importância da concisão e da brevidade como a síntese onde o biógrafo explicitaria sua marca autoral. Abria exceções ao manter o posto de referência para a *Vida de Johnson* (1791) de James Boswell¹³. Valia-se da importância da síntese narrativa elaborada pelo biógrafo ao situar os particularismos de produção de biografias coletivas, como aquelas que constituíram o *Dictionary of national biography*, enaltecendo, à sua maneira e com muita autoridade, uma das realizações que o celebrizaram¹⁴.

Interessante destacar o quanto nas abordagens de Lee há uma aposta na escrita biográfica como um campo particular e fundamental da produção letrada. Um campo que, nessa condição, reclamava seus métodos próprios e seus especialistas.

Uma geração de letrados ingleses iniciou suas atividades intelectuais nesse contexto, diríamos, de autonomização da escrita biográfica. Dessa

feita, em alguns casos, para constituir abordagens que, ao dialogar com os autores referenciais, nesse caso Sidney Lee, buscaram asseverar um enfoque diferenciado, a redesenhar formas e funções da escrita biográfica.

Um nome entre outros merece apresentação: Harold Nicolson (1886-1968) e seu texto *O desenvolvimento da biografia inglesa*, publicado em 1928 pela Hogarth Press, integrando a série sobre literatura produzida pela Editora de George Rylands e Leonard Woolf¹⁵.

Harold Nicolson, diplomata, jornalista, e autor de algumas biografias como a de Paul Verlaine, Tennyson e Saint Beuve, casado com a escritora Vita Sackville-West (1892-1962), relacionou-se com aqueles que compuseram o Bloomsbury Group¹⁶, Virginia Woolf e Lytton Strachey, entre eles.

Seu texto sobre o desenvolvimento da biografia inglesa compôs uma sistematização da história desse tipo de narrativa. Na qualidade de síntese circulou na época, informando apropriações de elogiosa referencialidade como as de André Maurois (1885-1967), no seu *Aspectos da biografia* (1928-1929), conferências proferidas no Trinity College, em Cambridge, em maio de 1928¹⁷.

Nicolson constrói uma abordagem cronológica, entremeada pela periodização associada a autores e obras. Nesse caso, James Boswell e sua “fórmula” – “A vida de Johnson”, de 1791 - efetivamente constituíram um divisor de águas, com todo um capítulo a ele dedicado¹⁸.

Importa, no limite de nossa análise, apresentar os critérios constituídos por Nicolson para argumentar acerca do desenvolvimento da escrita biográfica. Ao tratar das origens da biografia inglesa, o fez por meio da definição de biografia, valendo-se do que figurava no *Oxford dictionary* – “a história das vidas de indivíduos como um gênero da literatura”¹⁹. Preocupou-se, todavia, em frisar a biografia como arte, e distingui-la por seus procedimentos narrativos, sendo a avaliação dos mesmos o caminho para identificar a qualidade das biografias.

Nessa empreitada classificatória, valia-se de uma espécie de tipo ideal por ele designado pela oposição entre biografias “puras” e “impuras”. Na enumeração cuidadosa dos traços de impureza de textos biográficos, Nicolson inventariou os seguintes aspectos: o desejo de celebrar o morto, traduzido nos elogios fáceis e desmedidos; a composição da trajetória de vida de um indivíduo na qualidade de ilustração de uma teoria e/ou de concepções estranhas ao que de fato o biografado realizou, algo comum, segundo Nicolson, nas apreciações morais despropositadas; e por fim, uma subjetividade indevida por parte do biógrafo, no sentido dos exageros de certos juízos de valor²⁰.

Em contrapartida, Harold Nicolson categorizava as biografias puras por meio de suas características intrínsecas, com destaque, primeiramente, para o seu compromisso com a verdade histórica, nas suas palavras:

O primeiro aspecto essencial é a verdade histórica, (...) a veracidade sábia de um retrato completo e acurado. (...) A falta de verdade na biografia inglesa é bastante tradicional e tem causado problemas na história do seu desenvolvimento (...). No século XIX, essa tradição assumiu a autoridade de lei moral. “A história da humanidade”, escreveu Carlyle, “é a história dos seus grandes homens: para encontrá-los, limpe a poeira sobre eles e os coloque em pedestais”. Em 1896, Sir Sidney Lee definia a inspiração da biografia como o “desejo instintivo de honrar as memórias dos que,

¹⁵ Ver NICOLSON, Harold. *The development of english biography*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1928.

¹⁶ O nome de um bairro de Londres tornou-se a designação de um grupo de amigos que estudaram em Cambridge, no Trinity ou no King's College, compondo um círculo de escritores, intelectuais e artistas, do qual participaram Leonard e Virginia Woolf, Arthur Waley, Clive e Vanessa Bell, irmã de Virginia, Roger Fry, John Maynard Keynes, entre outros. Sobre o Bloomsbury Group ver, entre outros, ROSENBAUM, S. P. *The Bloomsbury Group: a collection of memories and commentaries*. Revised Edition. Toronto: University of Toronto Press, 1995. E também, LEHMANN, John. *Virginia Woolf*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. Acerca de Harold Nicolson, ver ROSE, Norman. *Harold Nicolson*. London: Trafalgar Square, 2005.

¹⁷ Ver MAUROIS, André. *Aspects of biography*. New York: D Appleton & Company, 1929.

¹⁸ Ver NICOLSON, Harold, *op. cit.*, p. 87-109.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 7. No original: “The history of the lives of individual men as a branch of literature”.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 9 e 10.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 10-12. Tradução livre. No original: "The primary essential is that of historical truth, (...) the wider veracity of a complete and accurate portraiture. (...) This lack of truth in English biography is, as it happens, largely traditional, and is caused by accidents in the history of its development (...). In the nineteenth century, however, this accidental tradition was given the authority of a moral law. 'The history of mankind', wrote Carlyle, 'is the history of its great man: to find out these, clean the dirty from them, and place them on their proper pedestal.' So late as 1896 Sir Sidney Lee could define the inspiration of biography as 'an instinctive desire to do honour to the memories of those who, by character and exploits, have distinguished themselves from the mass of their countrymen'. (...) Such exaggerated regard for reference and caution has produced endless commemorative volumes."

²² Ver CARLYLE, Thomas. *Os heróis*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963. Nessa obra, originalmente publicada na década de 1840, o autor inglês estabeleceu uma cuidadosa tipologia de heróis e materializou sua concepção de história universal, estabelecida, entre outros aspectos, a partir das ações dos grandes homens, com forte dimensão moralizadora.

²³ Ver NICOLSON, Harold, *op. cit.*, p. 12 e 13.

*pelo caráter e ações meritórias, se distinguiram da massa dos outros compatriotas". (...) Tamanha consideração, exagerada por reverência e cuidado, produziu volumes comemorativos sem fim.*²¹

Na sua forma de caracterizar a verdade histórica presente no texto biográfico, Nicolson, contudo, formalizava crítica às premissas morais que teriam causado, no século XIX, certa desmedida no ato de celebrar e comemorar personagens ilustres, suas ações e obras. Citava responsáveis por tais imprecisões, não poupando nomes referenciais na escrita de biografias em solo e língua inglesa: Thomas Carlyle, autor, entre outros, do texto *On heroes*²², e Sidney Lee, anteriormente mencionado, aliás, diríamos, seu principal alvo de controvérsias naquela conjuntura.

O segundo aspecto essencial da biografia pura, segundo Nicolson, seria sua elaboração narrativa, assentada em critérios para sua construção que deveriam possibilitar o ir além do meramente informativo, devendo causar uma resposta diferenciada no leitor, algo como uma impressão que afetasse sua percepção e experiência própria. Esse efeito sensibilizador e mobilizador só poderia ser obtido por meio de biografias nas quais o biógrafo realizasse uma interpretação convincente, de modo que o leitor pudesse também identificar o trabalho de criação literária então realizado²³.

Por meio desses critérios, Nicolson contava sua história da biografia inglesa, adiantando que essa, no momento em que escrevia, ainda se encontrava em sua infância. Asseverava que muito estava por ser feito para que a arte da biografia pudesse ser exemplificada por número expressivo de biografias puras.

O último capítulo do livro de Nicolson abordava as duas décadas iniciais do século XX. Como conclusão do que já havia sido analisado nas páginas anteriores, o autor se permitia juízos avaliativos e prognósticos sobre o gênero em questão. Entre outras apreciações, afirmou que os biógrafos do século XIX, a despeito do crescimento da importância das biografias, não conseguiram estabelecer uma concepção própria para as mesmas, cegos pelos exageros comemorativos, ou atraídos pela história, ou pela ficção. Para Nicolson, o processo de diferenciação da biografia estava em curso naquele momento. Reiterava, então, sua natureza particular: nem história, nem ficção, mas sim uma arte com características próprias. Para apresentar essa nova biografia Nicolson enumerou seus principais responsáveis: Sir Edmund Gosse (1849-1928) e seu texto de 1907, *Father and son* e Mr Lytton Strachey (1880-1932), com seus livros *Eminent Victorians* (1918) e *Queen Victoria* (1921).

Diferenças entre ambos, e preferências de Nicolson por Sir Edmund Gosse no que tocava a uma exemplificação fidedigna de "biografia pura", cada um deles havia respondido às demandas de um tempo de mudanças quanto às exigências do público leitor acerca de histórias de vida. Exigências expressas no interesse pelo lado mais pessoal da história, associadas aos usos da psicologia. Para Nicolson, isso representava uma ambigüidade, manifesta no gosto pelo "parcialmente científico" e no "parcialmente literário", estando aí a possibilidade do leitor encontrar um caminho de identificação e de comparação com os sujeitos biografados. Debitava tal perspectiva do valor ampliado de aprender por meio de experiências humanas no mundo e entendia os cuidados com a forma literária como condição para sensibilizar leitores ávidos por conhecimentos que não excluíssem erros e vícios

do biografado e que, ao fazê-lo, fortalecessem a veracidade²⁴.

Para Nicolson, tal concepção da biografia lançava um desafio para o biógrafo do século XX, a saber: “combinar o máximo de cientificidade com a perfeição da forma literária”²⁵. O que, como correspondência, implicaria em descartar motivos comemorativos ou de certa pedagogia. Edmund Gosse e Lytton Strachey representavam essas transformações e interferiram com seus respectivos trabalhos – *Father and son* e *Queen Victoria* – na ultrapassagem do “vitorianismo”²⁶ e dos que como Sidney Lee, em 1911, no texto anteriormente citado, enalteceram a função comemorativa dos textos biográficos.

Ao final do livro, Nicolson lançava interrogações sobre o futuro da biografia e avaliava que a demanda contemporânea, leiamos 1928, pela combinação entre investigação científica e valor literário talvez viesse a favorecer as premissas conceituais de certo uso da psicologia. Nesse aspecto, entre dúvidas e apostas. Nicolson alertava para incertezas de método ainda inexplorado, e, sob a tônica de investir na mudança, positivava o risco de, por outros caminhos, conhecer e transmitir a experiência humana no mundo.

As ponderações de Nicolson parecem ter ecoado o debate que há outros igualmente veio a mobilizar. Em outubro de 1927, Virgínia Woolf, em artigo publicado no periódico *New York Harold Tribune*²⁷, tecia considerações similares as de Harold Nicolson. As idéias apresentadas por Nicolson, em suas conferências postas em livro sob o título de *The development of english biography*, registravam uma posição de defesa de uma nova biografia e foi sob essa chamada que Virgínia Woolf realizou suas ponderações.

Ao partir da depreciação do que Woolf designou como “biografia vitoriana”, a autora delimitava o início do século XX como um momento de mudança, não só para biografia, mas igualmente para a ficção e a poesia. Ao exemplificar as transformações, em particular quanto ao tamanho e ao trabalho de seleção e de síntese da nova biografia, apontava duas referências: Lytton Strachey e seu *Eminent Victorians* (1918) e Andre Maurois e sua *Life of Shelley* (1923). Afirmava, com isso, o fato do biógrafo, nos casos dos autores mencionados, ter deixado de ser o mero cronista e ter se tornado um artista.

Virgínia Woolf, todavia, alertava, contudo, para os perigos dessa empreitada, ao situar, mais como provocação crítica do que como argumento bem desenvolvido naquelas circunstâncias, para as diferenças e até mesmo as incompatibilidades entre uma “verdade de fato” e uma “verdade de ficção”. Se, por um lado, valorizava a empreitada de proceder a essa combinação, nos termos das idiosincrasias da nova biografia que nascera junto com o século XX; por outro, advertia sobre os perigos de certa ingenuidade por parte de biógrafos que viessem abusar de determinadas invenções sobre seus biografados, ao se inspirarem nos recursos retóricos e dramáticos da prosa do romance. Nesse abuso, para Woolf, um risco que deveria ser de todo evitado, qual seja: a incongruência com a verdade do que de fato teria ocorrido, referenciada no registro documental e/ou testemunhal²⁸.

Anos depois, em artigo no periódico *Atlantic Monthly*, de abril de 1939, intitulado “A arte da biografia”²⁹, Virgínia Woolf parecia estar um pouco menos cética quanto aos problemas derivados das mudanças trazidas pela nova biografia. Começava seu texto a partir da pergunta de ser a biografia uma arte. Se tal questionamento poderia parecer um tanto idiota frente

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 141 e 142.

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 142 e 143. No original: “The problem which the biographer of the twentieth century has to solve is therefore that of combining the maximum of scientific material with the perfection of literary form.”

²⁶ O conceito de “vitorianismo” foi muito utilizado por autores críticos de determinados valores culturais característicos do período de governo da Rainha Vitória na Inglaterra (1837-1901), entre eles, preceitos morais de resguardo da intimidade em oposição ao esmero e formalidade de imagens de retidão moral referentes à dimensão pública.

²⁷ Ver WOOLF, Virginia. The new biography. *New York Harold Tribune*, 30 out. 1927. Republicado em CLIFFORD, James L. *Biography as an art: selected criticism 1560-1960*. Londres: Oxford University Press, 1962, p. 126-128.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 127.

²⁹ Ver WOOLF, Virginia. The art of biography. *Atlantic Monthly*, abr. 1939. Republicado em CLIFFORD, James L. *Biography as an art, op. cit.*, p. 128-134.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 129-130.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 133-134. Tradução livre. No original: "(...) And thus we come to the conclusion, that he is a craftsman, not an artist; and his work is not a work of art but something betwixt and between. Yet on that lower level the work of the biographer is invaluable; (...) By telling us the true facts (...), the biographer does more to stimulate the imagination than any poet or novelist (...). He can give us the creative fact; the fertile fact; the fact that suggests and engenders. (...) For how often, when a biography is read and tossed aside, some scene remains bright, some figure lives on in the depths of the mind, and causes us, when we read a poem or novel, to feel a start of recognition, as if we remembered something that we had Known before."

às muitas contribuições dos trabalhos de biógrafos, o mesmo tinha lá sua validade, e acrescentemos, atualidade, no que se referia às possibilidades de qualificar e individualizar esse tipo de produção cultural.

Entre outras ponderações, Woolf se remeteu aos trabalhos de Lytton Strachey, referendando-o como marco na história da biografia. Seus três livros mencionados – *Eminent Victorians* (1918), *Queen Victoria* (1921) e *Elizabeth and Essex* (1928) – eram a expressão de sua relevância e também daquilo que um biógrafo deveria e não deveria realizar. Esclareçamos melhor: se *Queen Victoria* era modelar, o mesmo não se aplicava a *Elizabeth and Essex*. Mais uma vez enfatizando as limitações relativas à referencialidade documental intrínseca a uma biografia, Woolf afirmava o papel dos biógrafos como “criadores pela metade”, o que para ela ampliava as dificuldades de escrever histórias de vida e, concomitantemente, reificava sua especialidade e sua natureza particular frente às obras de ficção³⁰.

A imagem da biografia como um trabalho artesanal socorreu Virginia Woolf na defesa dessa produção cultural como algo que a aproximava, mas também a afastava, da criação artística, essa vista como mais livre para a elaboração, por exemplo, de personagens e suas atribuições. Certos procedimentos e cuidados do biógrafo quanto ao que foi registrado sobre a vida do seu biografado não poderiam ser menosprezados, muito menos esquecidos, em nome de construções narrativas de cunho fortemente especulativo, mesmo que muito bem elaboradas, com toques de poética romanesca. A maestria de Strachey, nesses aspectos, só poderia ser aplicada aos seus dois primeiros textos de aposta na biografia.

Ao concluir seu artigo, Virginia Woolf, à sua maneira, dignificava as biografias, nos seguintes termos:

*O biógrafo é um artesão, não um artista e seu trabalho não é uma obra de arte, mas algo além e aquém. Mesmo nesse nível mais baixo o trabalho do biógrafo é inavaliável. (...) Ao nos contar fatos verdadeiros, (...) o biógrafo estimula a imaginação mais do que o poeta e o romancista (...). O biógrafo pode nos fornecer a informação fértil e criativa, o fato que sugere e engendra. (...) Assim, freqüentemente, quando uma biografia é lida e deixada de lado, algumas cenas permanecem presentes e brilhantes, algumas figuras vivem nas profundezas da mente e nos causam, quando lemos um poema ou um romance, uma sensação de reconhecimento, como se nos recordássemos de algo que conhecemos antes.*³¹

Do seu ponto de vista, Woolf frisava para a biografia o poder de gerar conhecimento e de sensibilizar leitores. A desqualificação do que ela e outros, como Harold Nicolson, denominaram de “biografia vitoriana” era, em parte, o artifício - muito direcionado para o público leitor inglês, a princípio -, empenhado em demarcar a emergência de uma nova biografia, por meio da defesa de determinado tipo de projeto para escrita biográfica, revendo tanto suas formas, quanto suas funções. Nesse sentido, tal premissa era também, destaques, sintoma da demanda por uma revisão acerca dos valores e práticas já estabelecidos e consagrados, em especial os que incorriam na comemoração pouco crítica e ao fim, em muitos casos, impregnada por pedagogia de tom moralizante.

Na ação de desmonte do “vitorianismo” nas narrativas sobre histórias de sujeitos individuais, a valorização da obra de Lytton Strachey, e em particular, de sua biografia da Rainha Vitória, tornou-se ícone e estratégia

de ataque para os que, em outras terras, dialogaram com tais demandas e questões³².

Andre Maurois e o *Homo Biographicus*

Em 1928, André Maurois, em publicação que reuniu conferências proferidas no Trinity College, em Cambridge, em maio daquele mesmo ano, sistematizou um conjunto de reflexões sob o título de *Aspectos da biografia*³³. Em seis capítulos, André Maurois se dispôs a fazer uma espécie de radiografia do estado atual das questões sobre a escrita de biografias, abordando os seguintes temas: a biografia moderna, a biografia como obra de arte, a biografia considerada como ciência, a biografia como um meio de expressão, autobiografia e as relações entre a biografia e o romance.

As considerações de André Maurois lograram frutos, tornando-se referência de indagações variadas sobre o valor intrínseco das ditas biografias modernas. Inspirou muitos dos intelectuais brasileiros, de alguma forma preocupados com a produção de biografias de vultos nacionais, entre as décadas de 1920 e 1940. Por essa relevância, as indagações de Maurois, no momento de sua emergência, tornaram-se uma matriz importante de idéias sistematizadas acerca dos usos, valores e características do gênero biográfico. Proferidas em inglês, publicadas em francês, traduzidas para o inglês, entre 1928 e 1929, as *lectures* de Maurois circularam nas prateleiras de livros de intelectuais de outras terras e línguas, aportando em solo brasileiro, para a alegria ingênua dos bacharéis que liam avidamente tudo que da França brotasse.

O eixo das análises de Maurois se orientava na tematização sobre uma nova biografia, uma biografia moderna. Seus exemplos se voltaram para a literatura inglesa, sendo a obra de Lytton Strachey entendida como um divisor de águas, a reação contra os tediosos e volumosos panegíricos que tipificaram biografias do período vitoriano. Strachey havia inaugurado uma nova forma para a narrativa biográfica, elevando-a à categoria de uma obra de arte. Strachey seria magistralmente o historiador exato que exerceu o poder de apresentar o material pesquisado artisticamente³⁴.

Nos argumentos de Maurois, escudados em referências a Harold Nicolson e a Virginia Woolf, a emergência dessa nova biografia remontava ao alvorecer do século XX. Esse tempo, segundo o autor francês, teria sido um período de revolução intelectual, marcado, entre outros aspectos, pela crescente interferência da psicologia e da ética nos métodos intelectuais de aprendizagem e investigação. Uma certa liberdade na formulação de inquéritos afetou, sobremaneira, aos romancistas, repercutindo sobre o conhecimento histórico e, principalmente, sobre uma de suas manifestações, a biografia. O biógrafo moderno, em diálogo com essas transformações, seria aquele que entenderia o biografado como uma verdade a ser construída a partir de um método de investigação pautado no abandono de quaisquer idéias pré-concebidas e no levantamento e na análise de toda documentação disponível³⁵.

Ao ponderar sobre os limites da imparcialidade nas atitudes e métodos do biógrafo moderno, Maurois frisava, com cores fortes, a dimensão de autonomia desse último com relação aos compromissos familiares e fraternais que limitavam as narrativas do “biógrafo vitoriano”. A expressão, tomada de empréstimo das considerações de Virginia Woolf, funcionava,

³² A despeito da referencialidade adquirida pela obra e de sua circulação internacional, sua publicação no Brasil data de 2001. Ver TRIGO, Luciano. Uma rainha em tamanho natural. In: STRACHEY, Lytton. *Rainha Vitória*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001, p. 9-21.

³³ Ver MAUROIS, André. *Aspects of biography*, *op.cit.*

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 7-9.

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 13-15.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 19-24.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 38.

ao fim, como a caracterização de uma época que alguns buscaram ultrapassar, em particular, no campo das sensibilidades e das manifestações artísticas. Mais uma vez, entre os que se insurgiram contra os valores da era vitoriana, aparecia Lytton Strachey. O seu *Eminent Victorians* e sua *Queen Victoria*, colocados lado a lado com as estátuas de pedra esculpidas por biógrafos do século XIX, destoavam pelo tom de excentricidade irônica. Na leitura de Maurois, Strachey havia escolhido vitorianos para biografar em função de suas críticas ao “vitorianismo”, e, nessa perspectiva, havia pintado retratos póstumos com o toque leve da caricatura.

Maurois destacava, como contemporâneo, uma das marcas que mais celebrizaram o autor inglês: o efeito cômico. O estilo de escrever biografias de Lytton Strachey, em especial na figuração da rainha Vitória, quis apresentar a fisionomia de sua biografada a partir de traços marcantes, a proceder como o caricaturista, desta feita, para realizar o retrato em papel e letras.

Strachey teria sido o responsável pela produção de imagens humanas naturais e verossímeis. Seu método, como procurou demonstrar Maurois, havia inaugurado um fazer renovado na arte de escrever biografias. Contudo, se utilizado por escritores pouco sensíveis para percepções psicológicas, poderia incorrer na comédia de baixa qualidade. Ciente dos riscos, Maurois, todavia, preferia acreditar na proeminência e longevidade dos escritores geniais.

Ainda na caracterização das biografias produzidas por Lytton Strachey, Maurois argumentou que os tradicionais panegíricos não teriam de fato valor educativo, posto que muitos já não mais lhe creditassem essa potencialidade. Naquele momento, existiria uma geração habituada a respeitar a verdade científica e que, tendencialmente, preferiria mirar-se nas ações de homens factíveis, desconfiando dos que mais se assemelhavam a estátuas de pedra³⁶. Se alguns ponderavam que a revelação das misérias humanas de alguns notáveis poderia nublar sua magnitude histórica, Maurois acenava com a autenticidade sincera da “Rainha Vitória” construída pela argúcia de Lytton Strachey. Seus esforços de humanizá-la, no traçado de um prosaico elenco de defeitos e virtudes, na busca do retrato verdadeiro, fazia do autor inglês o nome referencial para a exemplificação da biografia moderna.

Essa forma nova, tão bem realizada por Lytton Strachey, possuiria, segundo Maurois, três características essenciais: a procura corajosa da verdade, a valorização da complexidade humana, a busca de homens modernos por textos e personagens “à sua imagem e semelhança”. Efetivar todas essas características tornavam o trabalho de elaboração dessas novas narrativas de vida uma empreitada dificultada por alguns impasses. O principal deles referia-se à conciliação de duas demandas aparentemente antagônicas: a investigação da verdade histórica e a pesquisa das expressões de uma personalidade.

Mesmo ao reconhecer, em consonância com a opinião de contemporâneos – Harold Nicolson e Virginia Woolf – que a fronteira entre arte e ciência estava bem delimitada e guardada por valores aceitos, André Maurois acreditava ser possível mesclar a insistência na verdade com o desejo de beleza. Esperava, assim, argumentar a favor de que arte e ciência pudessem ser reconciliadas e de que um livro científico, perfeitamente construído, fosse considerado um trabalho de arte³⁷.

Maurois, entretanto, alertava para os problemas do método biográ-

fico; problemas associados ao infinito cuidado, à absoluta honestidade, à fixação de nunca alterar acontecimentos singulares. Se o fato científico poderia vir a ser explicado por procedimentos de análise e de síntese, o entendimento de um ser humano e de sua inevitável complexidade não poderia ser resumido a uma exaustiva compilação de detalhes³⁸. O método biográfico seria ambíguo e problemático ao lidar com tentativas de circunscrever tamanha complexidade.

No último capítulo de seu *Aspectos da biografia*, intitulado “Biografia e o romance”, Maurois desenvolveu reflexão acerca das dificuldades de se alcançar a verdade sobre a vida de um homem, a partir de uma comparação entre a liberdade de criação do romancista e as imposições da fundamentação documental, típicas do ofício do biógrafo. Se na construção de seus personagens, o romancista poderia e deveria lançar mão das imagens necessárias, no sentido de dar-lhes vida, percepções, pensamentos, ação; o biógrafo, tanto quanto o historiador, assim não poderia proceder, tendo que circunscrever suas inferências àquilo que estivesse presente nos vestígios documentais referentes ao seu biografado.

A diferença fundadora entre a narrativa ficcional e a de caráter realista, em muitos aspectos, possibilitava ao romancista, especialmente àquele, em alguma medida, ancorado na perspectiva de criar textos e personagens verossímeis, a produção de relatos muito mais convincentes e sensibilizadores de leitores em busca de boas histórias sobre misérias e grandezas humanas. Essa constatação foi encaminhada para uma derradeira questão: em que medida, o biógrafo poderia valer-se das técnicas do romancista.

Para Maurois, a busca, por parte dos biógrafos, da elaboração de narrativas humanizadoras de seus biografados, dificultaria ainda mais suas tarefas sempre norteadas pela fronteira dos registros documentais. Nessa aparente adversidade, contudo, Maurois visualizava um desafio e um estímulo, suportado e, sem dúvida bem realizado, pelos biógrafos que criaram belos retratos em papel e letras, como Strachey e sua “Rainha Vitória”.

Em certa medida, os bons biógrafos conseguiriam, como os bons romancistas, manter Sherazade viva, caso ela fosse narrar suas histórias entre seus contos das mil e uma noites. Para que a vida de Sherazade viesse a ser poupada, a história que estivesse a narrar, sendo a de um único homem, suas desventuras e esperanças, deveria primar pela cadência envolvente e suscitadora da curiosidade sobre o desenrolar da trama, já que o final – a morte do biografado –, a princípio, seria esperado³⁹.

Para Maurois, a sobrevivência de Sherazade dependeria, em larga medida do sujeito biografado, não só pelas especificidades de sua trajetória de vida, como também, pela forma como essas viessem a ser sistematizadas pelo biógrafo. Seria, nesse ponto, fundamental fazer do biografado o *Homo Biographicus*, uma terceira categoria diferente do *Homo Sapiens* e do *Homo Fictus*. À sua maneira, abusando de imagens irônicas, André Maurois concebia cada um desses como espécimes habitantes de mundos correlatos, porém diferentes: a vida real, o espaço ficcional e o universo particular da narrativa biográfica⁴⁰.

As considerações finais de André Maurois postularam certezas, entre mais algumas relativizações. Em função dos valores culturais e das próprias experiências históricas, a escrita de biografias poderia sofrer alterações. Seria sempre, contudo, uma difícil forma de arte, posto que, demandaria

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 133.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 197-198.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 199-203.

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 204.

⁴² Para uma análise mais detalhada acerca das menções e apropriações do texto de André Maurois em terras brasileiras, ver GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

⁴³ Ver CAVALHEIRO, Edgard. *Biografias e biógrafos*. Curitiba/São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Guáira Limitada, 1943.

⁴⁴ *Fagundes Varella* foi publicado em 1940. Edgard Cavalheiro (1911-1958) veio a ser mais conhecido pela sua biografia de Monteiro Lobato (*Monteiro Lobato. Vida e obra*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1955, 2 volumes).

⁴⁵ Ver CAVALHEIRO, Edgard, *op. cit.*, p. 11.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 11-12.

junções muito bem dosadas da investigação histórica e dos encantamentos do romance: o produto resultante da difícil junção entre técnica e intuição⁴¹. Estava, sem dúvida, a dignificar o gênero biográfico e mais, a valorizar uma certa maneira de escrever biografias, onde aliás, ele próprio figurava como entusiasta e divulgador.

Como mencionamos, as ponderações de Maurois tornaram-se, no seu tempo, uma espécie de referência obrigatória entre os que, em terras brasileiras, decidiram pensar sobre as transformações na escrita de biografias. Nos espaços da crítica literária da época, Maurois e seu livro, mais do que Harold Nicolson, vieram a ser citados e, algumas de suas formulações até mesmo repetidas⁴². Entre os que assim procederam, um autor, pela originalidade de suas apropriações, merece ser apresentado: Edgard Cavalheiro e seu texto *Biografias e biógrafos*⁴³.

Strachey, Vitória, a guiar o leitor pelas mãos...

Comentar as obras e as idéias dos que passaram a ser considerados os pais fundadores de uma biografia moderna animou autores brasileiros, eles mesmos biógrafos, a envolver-se com reflexões mais detalhadas acerca dos estilos e metodologias construídos por Strachey e por Maurois. Cavalheiro era, à época, também autor de biografias bem recebidas pela crítica, como foi o caso de seu *Fagundes Varella*⁴⁴.

No seu *Biografias e biógrafos*, Edgard Cavalheiro partia da constatação de que, nos anos de 1937 e 1938, tanto na Inglaterra quanto no Brasil, havia ocorrido uma proliferação significativa de textos biográficos. A primeira indagação do autor referiu-se aos motivos que pudessem explicar “o porquê desse absorvente recuo ao passado, dessa inquieta ressurreição dos mortos e, sobretudo, da indiscutível preferência do grande público pelos estudos biográficos”⁴⁵. Explicava tal preferência ao associá-la ao “declínio do valor humano dentro da sociedade moderna, onde o indivíduo isolado cada vez mais desaparecia na massa popular”. Nas biografias, alguns encontrariam uma compensadora reconstituição crítica e histórica de grandes personagens “que ultrapassaram as medidas normais da espécie”. De alguma forma, o retorno à vida de “intelectualidades empolgantes” representaria também “a tentativa desesperada de salvar o ideal ameaçado do individualismo”⁴⁶. Cavalheiro, nesse sentido, pontuava o gosto por biografias como algo derivado da necessidade de valorizar o papel dos agenciamentos individuais, em tempos de emergência de massas e multidões populares.

Cavalheiro acrescentou a essas motivações outras que, particularmente, gostaríamos de destacar:

*a febre de reviver ambientes ou figuras do passado traz, em si, simplesmente a necessidade insopitável de exteriorizar pensamentos, trabalhar idéias, de certa forma peadas por fatores políticos, numa fuga angustiada dos tempos presentes. Nessa fuga dos tempos presentes, vai muito da tragédia do intelectual diante dos problemas contemporâneos, problemas que, na maioria das vezes nem sequer pode comentar, quanto mais analisar.*⁴⁷

Interessante reter o quanto Cavalheiro destacava a importância das angústias de intelectuais do seu tempo presente como um elemento propulsor da escrita de biografias, vistas, de certa forma, como um meio de

expressão e mais, como fuga e evasão, estratégia possível para explicitar idéias e valores em crise, naquele momento. De certa forma, fazer viver certos indivíduos, por meio da escrita biográfica, valorizando suas ações e idéias, era criar um canal por onde o biógrafo pudesse, entre outros aspectos, louvar a liberdade, o indivíduo e outros princípios deslocados pelos ventos autoritários que sopraram sobre terras européias e americanas, em especial, na década de 1930.

Edgard Cavalheiro complementava seus argumentos afirmando que:

*os biógrafos constituem, a partir de Plutarco, a grande paixão das épocas em que determinado tipo de civilização está prestes a corromper-se (...). Chega-se a ter a impressão de que os escritores pressentindo que a decadência é já fatal e talvez irremediável, já não se preocupam com outra coisa que não seja fazer o inventário dos grandes nomes de uma cultura em pleno naufrágio.*⁴⁸

Segundo Cavalheiro, entre ceticismos e avaliações sobre a modernidade em curso, todas essas ponderações seriam pertinentes para elaboração de uma tentativa de explicar o *boom* de biografias. Cada uma delas, com suas peculiaridades, endossavam a perspectiva de que, na busca de vidas alheias e de trajetórias dos homens do passado, alguma resposta para os impasses do tempo presente pudesse vir a ser encontrada. Essa assunção, ao fim, conduziu Edgard Cavalheiro à conclusão de que a melhor maneira de compreender as motivações da expansão da biografia seria verificar como ela estava sendo praticada naquele momento.

Na impossibilidade de esquadrihar tantos autores e obras do gênero biográfico, Cavalheiro recorreu aos mestres referendados pela consagração do público e da crítica: entre outros, mais uma vez, Strachey e Maurois. Para Edgard Cavalheiro, esses autores haviam transformado a biografia em um documento humano, na dupla dimensão de mensagem espiritual e de reconstituição de épocas e ambientes do passado⁴⁹.

O ponto de corte de uma sintética história do gênero biográfico foi delegado a Lytton Strachey, identificado por Edgard Cavalheiro como o precursor da biografia moderna, aquele que, em suas obras, havia conseguido que “o biografado deixasse de ser simples e amorfa figura histórica para se transformar num ser humano, com todos os defeitos e virtudes dos seres de carne e osso”⁵⁰. Além disso, Strachey foi apresentado como o crítico ferrenho e mordaz de um estilo de fazer biografia predominante na Inglaterra vitoriana. Para enfatizar esse aspecto e ilustrar o tom afiado e irônico das impressões do próprio Strachey, Edgard Cavalheiro fez suas as palavras do escritor inglês:

*Quem não conhece esses dois grossos volumes com sua massa de material mal digeridos, o estilo descuidado, um tom de morno panegírico, uma lamentável ausência de escolha, de desprendimento e de construção, com os quais costumamos honrar os nossos mortos? São nos tão familiares como o cortejo das pompas fúnebres e trazem todos o mesmo ar de lenta e lúgubre barbárie. Perguntamo-nos, muitas vezes, se eles também não são obras de pompas fúnebres e o último artigo do seu contrato.*⁵¹

Edgard Cavalheiro misturou suas apreciações às informações sobre as obras de Strachey. A que inaugurou sua notoriedade e sua crítica aguçada contra “biografias vitorianas” foi *Eminent Victorians* (1918). Como

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 12.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 12.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 12-13.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 27.

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 31.

⁵² *Idem, ibidem*, p. 32-34.

⁵³ *Idem, ibidem*, p. 36.

⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 36 e 37.

⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 39 e 40.

biografia e como relato histórico o livro foi duplamente impactante. Os textos biográficos que predominaram no século XIX tiveram a forma de “verdadeiros relatórios, insípidos e sem graça, destinados a meia dúzia de pacientes leitores”. Não tratavam da vida íntima, da realidade social, dos defeitos inerentes a todos os indivíduos, ignoravam o homem doméstico, priorizando apenas o homem público, por vezes o desumanizavam, divinizando-o. Além disso, o período vitoriano ainda era tabu para os historiadores da época; tratavam-no com demasiado respeito, à distância, evitando detalhes, em tom de “morno panegírico”⁵².

Para Edgard Cavalheiro, Lytton Strachey retirou a história do domínio puramente científico, concebendo-a de tal maneira que suas narrativas pudessem usufruir de uma forma mais artística, em lugar da simples e monótona acumulação de feitos e datas.

Lytton Strachey, sem o saber, havia aberto o caminho para um gênero que iria fazer a glória e a fortuna de muitos autores, permitindo também, segundo Edgard Cavalheiro, “a ressurreição de inúmeros mortos sepultados pela lousa comum e pelos vastos calhamaços com que procuravam honrá-los”⁵³. A obra que mais do que qualquer outra consagrou Strachey como o renovador dos métodos biográficos foi “Rainha Vitória”. Nesse livro, segundo Cavalheiro, Strachey

*Tomando o leitor pela mão e levando-o ao passado, entre uma agudíssima observação e uma nota do mais fino humor, como um cicerone que fosse ao mesmo tempo admirável “causeur”, ele consegue o milagre de fazer o leitor, neste ano de 1941, nesta cidade de São Paulo, ou em qualquer outra cidade de qualquer país, ele consegue, dizíamos, o milagre de fazer o leitor participar, comovidamente, da triste viuvez da grande Rainha, ou dos aborrecimentos de seu consorte, rainha ou príncipe que estiveram sempre tão distantes das nossas cogitações.*⁵⁴

A humanização de personagens notáveis, a possibilidade de tratá-los como seres de carne e osso, com virtudes e defeitos, por meio de uma prosa colorida e movimentada, era a marca mais expressiva da biografia de Strachey. Edgard Cavalheiro não escondia seu entusiasmo ao compreender, como uma espécie de milagre, a possibilidade do leitor, *em qualquer outra cidade de qualquer país*, vir a comover-se com a sofrimento da rainha inglesa.

As considerações finais de Edgard Cavalheiro sobre a obra de Strachey levaram-no a afirmar a paixão pela pesquisa e pelo documento original, como características não menos importantes do método biográfico do autor inglês. Assim, as investidas mais contumazes de Strachey contra certa concepção de história como ciência, não implicaram no desprezo pela pesquisa documental. Segundo Cavalheiro, Strachey procurou demonstrar que o consórcio da história com a arte e a vida seria bem mais lógico e aceitável do que o consórcio da história com a ciência. Essa seria uma das grandes contribuições do autor inglês para a renovação do método biográfico. Lição seguida por muitos, nem sempre de forma satisfatória, posto que alguns não conseguissem, com o mesmo brilhantismo, redigir biografias viabilizadoras da união entre o romance e a história⁵⁵.

Biografia e (re) conhecimento

Ao fim desse artigo, esperamos ter cumprido o objetivo que o norteou,

a saber: situar um pouco do debate sobre a renovação das biografias entre os autores mencionados, nas décadas de 1920 e 1940.

Como afirmamos, a despeito das muitas diferenças entre nossa contemporaneidade, para alguns pós-moderna, e aquele tempo, grosso modo, o entre-guerras, é provável que algumas das dúvidas, apostas e considerações sobre a biografia ainda nos sejam um tanto familiares e próximas. Uma delas, arriscaríamos, seria a tônica de narrar histórias de sujeitos individuais visando mais à celebração da vida do que da morte, no exercício imaginativo cuidadoso de aplicar a máxima do “como se fosse”, tão cara às estratégias discursivas e retóricas da prosa do romance.

Se houve então heranças oriundas desse rico debate sobre as características e possibilidades de narrar histórias de sujeitos individuais, talvez o mais importante seja reafirmar o valor do prazer da leitura que biografias bem escritas podem proporcionar; e mais, parafraseando Hannah Arendt e Virgínia Woolf, ver nisso uma forma especialíssima de conhecer, ou reconhecer, as ilações inevitáveis e necessárias entre a vida de cada um e o mundo.



Artigo recebido em janeiro de 2011. Aprovado em março de 2011.